

CIRCULAÇÃO DO PODER IMPERIAL BIZANTINO NO MEDITERRÂNEO TARDO-ANTIGO. UMA HISTÓRIA CONECTADA ENTRE OS SÉCULOS IV À VI

PEDRO HENRIQUE PEDROTTI¹, RENATO VIANA BOY²

1 Introdução

Nas últimas duas décadas, a História vem acompanhando uma renovação de temáticas e novos prismas para as pesquisas, além do advento da *internet*, facilitando o acesso às fontes e deslocando o conhecimento do eixo Europa-América do Norte para outras partes do globo. Em vista dessa conjuntura de difusão documental e metodológica, pode-se salientar, no contexto brasileiro, as novas pesquisas sobre o que a historiografia conhece como Império Bizantino³, mesmo incipientes, mas que vem alcançando cada vez mais espaço, inclusive com perspectivas e debates diversos entre si.

Este projeto, com efeito, insere-se na esteira da História Conectada, uma perspectiva historiográfica que vem ganhando campo nos debates acadêmicos e novas produções, que busca compreender estes lugares distintos não de maneira isolada ou autônomos, mas conectados. À guisa disso, com a História Conectada, rompem-se as velhas fronteiras territoriais, isto é, desenhando outros espaços, recortes e cronologias, que não conseguiam explicar as interações entre essas sociedades (CÂNDIDO DA SILVA, 2020, p. 12).

Dessa forma, pretende-se mostrar como as barreiras entre um ocidente latino e um oriente grego não estão fundamentadas nos documentos do período, mostrando essa circulação de ideias e narrativas em espaços estrangeiros das fronteiras imperiais bizantinas. Portanto, o que interessa são as conexões e exercícios de poder que emanavam do oriente, sediado em Constantinopla, sendo exercidos no ocidente latino e em outros espaços que compreendiam o mundo mediterrânico tardo-antigo.

¹ Graduando do curso de licenciatura em História, Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), *campus* Chapecó, contato: pedro.pedrotti@estudante.uffs.edu.br

² Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo (USP) e professor de História Antiga e Medieval na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), *campus* Chapecó, contato: renato.boy@uffs.edu.br, **Orientador.**

³ O termo bizantino nesta pesquisa refere-se ao Império Romano do Oriente e sua estrutura política, econômica e religiosa como um todo, não apenas à cidade de Bizâncio (Constantinopla), capital deste Império, extrapolando, inclusive, uma dicotomia entre o Ocidente latino e o Oriente grego como espaços distintos e intransponíveis.

2 Objetivos

Este projeto tem como objetivo principal buscar entender a circulação do poder imperial bizantino na bacia do Mediterrâneo, a partir de uma História Conectada, entre os séculos IV à VI, período compreendido como Antiguidade Tardia⁴, através de fontes escritas contemporâneas, conexões estas que não davam-se exclusivamente de forma violenta, mas por relações e aproximações de sociedades que não estavam tão distantes quanto se pensava. Interessa entender quais foram os argumentos utilizados nos textos para conferir legitimidade de exercício político, ideológico e religioso à autoridade imperial bizantina, explicando e justificando essas intervenções nestes espaços que não compreendiam seus domínios diretos, buscando promover a inserção dos pesquisadores de maneira original nos debates historiográficos que tangem o escopo espaço-temporal da pesquisa.

3 Metodologia

Esta pesquisa é elaborada a partir de uma análise crítica de duas fontes do período, ambas escritas no século VI e encontrando-se traduzidas e organizadas para o inglês, a saber a *Crônica*, de João Malalas, e a *Getica*, de Jordanes. A partir disso, esta pesquisa utiliza-se da História Conectada para esta análise, mapeando a circulação de várias questões, como pessoas, narrativas, ideias, conceitos, políticas, poderes, etc., pelo mar Mediterrâneo entre os séculos IV à VI, buscando identificar os recursos que o poder imperial bizantino utilizou-se para conseguir exercer seu próprio domínio em território além de suas fronteiras.

4 Resultados e Discussão

Como consequência dos resultados destas metamorfoses mediterrânicas, depois da divisão do Império Romano, com a construção da nova capital, Constantinopla, no Bósforo, uma sociedade totalmente nova foi criada, não só pela tradição helênica ou religião cristã, mas pelo sincretismo. Como pode-se perceber, o Império Bizantino – antes e depois da deposição do último imperador no Ocidente latino – manteve diversos contatos e conexões com todas as partes da bacia mediterrânica, como tratados militares, acordos comerciais ou alianças.

⁴ Nesta pesquisa, o período da Antiguidade Tardia constitui-se entre os séculos IV à VI, mas alguns autores a situam entre os séculos III à VIII, com a coroação de Carlos Magno em 800. Para mais ver BROWN (1971) e WARD-PERKINS (2006).

Portanto, a circulação do poder imperial bizantino no Mediterrâneo tardo-antigo conseguia chegar em todos os lugares deste espaço e, até mesmo, fazia com que outros governantes fossem atrás da sua legitimação, fazendo assim trocas e alianças com populações que, muitas vezes, não eram romanas ou não estavam diretamente vinculadas ao Império Bizantino.

Outrossim, a ideia de que, a partir da conversão de Constantino ao Cristianismo, todo o Império tornou-se cristão, como aponta a *Crônica* de Malalas, não é fundamentada. Primeiro porque há um sincretismo muito grande em relação a uma tradição pagã com elementos do Cristianismo e, até mesmo, alguns sendo patrocinados pelos imperadores, consoante a Brown (1971, p. 88), em que o “primeiro imperador cristão aceitou honras pagãs dos cidadãos de Atenas. Ele vasculhou o Egeu procurando por estátuas pagãs clássicas para adornar Constantinopla”⁵, etc., muito embora, como mostram as fontes, há uma preferência em favorecer o Cristianismo, porém, as heranças e as tradições pagãs ainda existiam.

Por conseguinte, é impossível pensar que, logo após cessarem as perseguições, Constantino conseguiu purgar todo o paganismo da bacia do Mediterrâneo e impor o Cristianismo como a única religião existente. O mesmo acontece, com efeito, no reinado de Justiniano, em que ele empreende uma série de perseguições aos pagãos – mostrando que ainda havia uma forte presença de ideias e ensinamentos não-cristãos nesta sociedade bizantina, mesmo após quase dois séculos desde a oficialização do rito cristão no Império –, o que, para Roger Scott (2016a, p. 24-25), explica a sua atenção mais voltada para os assuntos religiosos, que levaram a cabo uma série de medidas e legislações, como o fechamento da Escola de Atenas, em nome da busca para instaurar a ortodoxia e purificar o Império.

Outra questão interessante de ser frisada é que uma das únicas representações imagéticas do período – além das moedas e estátuas – que chegaram até o presente, retrata justamente o casal imperial, Teodora e Justiniano, em um mosaico tipicamente bizantino, não em Constantinopla, mas em Ravena, na Itália. Contudo, Justiniano e Teodora nunca estiveram lá, eles raramente saíam de Constantinopla ou, caso saíssem, faziam viagens curtas, não indo além das comunidades cristãs nos arredores da capital. Mas, se eles não saíram da capital, como seu retrato foi parar na Basílica de São Vital, em Ravena? Isto se dá, justamente pelas conexões, o imperador Justiniano e sua esposa Teodora não precisavam estar fisicamente em um lugar,

⁵ Do original: The first christian emperor accepted pagan honors from the citizens of Athens! He ransacked the Aegean for pagan classical statuary to adorn Constantinople.

suas autoridades circulavam por todos os espaços, inclusive por aqueles que não eram bizantinos, já que a cidade de Ravena era o epicentro da autoridade goda na Itália.

5 Conclusão

Percebe-se que é possível analisar as conexões das temporalidades mais recuadas, em especial na Antiguidade Tardia, período que estava fervilhando com o fortalecimento político de Constantinopla, a instauração dos reinos bárbaros, a sacralização imperial pelo verniz cristão e o reinado de Justiniano *per si*, que alterou profundamente aquela sociedade bizantina do século VI, tentando mostrar que estes espaços distintos estavam sempre relacionando-se.

Além disso, nota-se que as sociedades pré-modernas, mesmo sem as tecnologias e meios que existem hoje, possuíam suas conexões e contatos, inclusive diversos, como mostrado na *Getica*, de Jordanes, e na *Crônica*, de Malalas, documentos escolhidos para esta pesquisa ser desenvolvida. Ou seja, o passado remoto também era um tempo de comunicação e negociação. Os impérios, com certeza, conheciam seus inimigos e seus amigos, sabiam onde poderiam encontrar determinado produto ou qual era a linhagem que estava no poder para arranjar um casamento, visando unir forças e fazer alianças.

Dessa forma, a História Conectada é uma metodologia interessante para perceber essas circulações políticas, culturais, históricas, normativas e religiosas, logo, nem sempre através de guerras e trocas violentas, uma vez que as fronteiras são sempre fluidas e alteram-se na malha temporal, sendo o mar um ambiente privilegiado e propício para entender as trocas e conexões. Assim, esta pesquisa desenvolveu-se para tentar mostrar estas conexões em dois autores contemporâneos ao reinado de Justiniano, abrindo perspectivas para outros espaços que não os mais tradicionais, o que hoje é uma urgência, uma vez que a Idade Média ainda é, sumariamente, continental e europeia (ALMEIDA; DELLA TORRE, 2019, p. 07).

Referências

Documentais

JORDANES. Trad. Charles Christopher Mierow. **Getica: The Gothic History of Jordanes**. Princeton: Princeton University Press, 1915. 188 p.

MALALAS, John. Trad. Elizabeth Jeffreys, Michael Jeffreys e Roger Scott. **The Chronicle of John Malalas**. Melbourne: Australian Association for Byzantine Studies, 1986. 371 p.

Bibliográficas

ALMEIDA, Néri de Barros; DELLA TORRE, Robson (orgs.). **O Mediterrâneo medieval reconsiderado**. Campinas: Editora da Unicamp, 2019. 460 p.

BROWN, Peter. **The world of late antiquity: from Marcus Aurelius to Muhammad**. Londres: Thames and Hudson, 1971. 216 p.

CAMERON, Averil. **The Mediterranean World in Late Antiquity AD 395-600**. Londres: Routledge, 1993b. 251 p.

_____. **Procopius and the Sixth Century**. Londres: Routledge, 2005. 308 p.

CÂNDIDO DA SILVA, M. Uma História Global antes da Globalização? Circulação e espaços conectados na Idade Média. **Revista de História**, n. 179, p. 1-19, 2020. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/160970>>. Acesso em: 10 jan. 2023.

EVANS, James Allan Stewart. **The age of Justinian: the circumstances of imperial power**. Londres: Routledge, 1996. 346 p.

GEARY, Patrick J. **O mito das nações: a invenção do nacionalismo**. Tradução: Fábio Pinto. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2005. 223 p.

GOFFART, Walter. **Barbarians and Romans A.D. 418-584: The techniques of accommodation**. Princeton: Princeton University Press, 1980. 278 p.

OLSTEIN, Diego. Thinking History Globally: Comparing or Connecting; Thinking History Globally: Comparing and Connecting; Thinking History Globally: Varieties of Connections. In: _____. **Thinking history globally**. Hampshire: Palgrave Macmillan, 2015. p. 59-112.

SCOTT, Roger. *Chronicles versus Classicizing History: Justinian's West and East*. In: _____. **Byzantine Chronicles and the Sixth Century**. Londres: Routledge, 2016a. p. 1-25.

_____. Justinian's New Age and The Second Coming. In: _____. **Byzantine Chronicles and the Sixth Century**. Londres: Routledge, 2016b. p. 1-22.

TREADGOLD, Warren. **The Early Byzantine Historians**. Hampshire: Palgrave Macmillan, 2007. 431 p.

WARD-PERKINS, Bryan. **The Fall of Rome and the End of Civilization**. Oxford: Oxford University Press, 2006. 239 p.

Palavras-chave: Poder imperial bizantino; História conectada; Circulação mediterrânea; Antiguidade Tardia; Jordanes e Malalas.

Nº de Registro no sistema Prisma: PES-2022-0449

Financiamento: Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS)